

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

CLEOMAR MYAHU TAN HUARE

ARTE PLUMÁRIA UMUTINA: BODÔ

**Barra do Bugres
2016**

CLEOMAR MYAHU TAN HUARE

ARTE PLUMÁRIA UMUTINA: BODÔ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T164a TAN HUARE, Cleomar Myahu.

Arte Plumária *Umutina: Bodô* / Cleomar Myahu Tan Huare. – Barra do Bugres, 2016.

31 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profª. Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. Povo *Umutina*. 2. Arte Plumária. 3. *Bodô*. I. Cruz, M. C. da, Dra.
II. Título. III. Título: *Bodô*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

CLEOMAR MYAHU TAN HUARE

ARTE PLUMÁRIA *UMUTINA: BODÔ*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Thereza Martha Presotti Guimarães
Professora Avaliadora

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Coordenadora do Curso de Licenciatura Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus pais Clarindo Tan Huare e Dirce Parecis Huare. Aos meus irmãos Ducinéia, Débora, Clícia, Silene, Simone, Itamar e Carine Tan Huare. Aos meus filhos Taila, Awmatari, Miníkamá e Tamí Monzilar Corezomaé Tan Huare. A Minha avó Laurinda Komaedâ, de 103 anos de idade, por quem tenho muito respeito e admiração.

A minha companheira de resgate da cultura, Edilene Monzilar Corezomaé, por quem tenho muito carinho e admiração e por termos passado por tudo nesses últimos 14 anos, conseguido nossos objetivos com muita luta e garra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus *Haypuku*, por me dar saúde e sabedoria. A toda comunidade Umutina, esse povo guerreiro que lutou e luta pela cultura e resgate de sua língua materna, através dos anciões, jovens e crianças.

Aos professores da escola *Julá Paré*, pelo incentivo a seus alunos e à cultura indígena.

A Clícia Tan Huare que me incentivou muito na pesquisa sobre o meu povo Umutina, desde o ano de 2001.

Ao Laélcio Amajunepá, por ter me ajudado muito nestes últimos anos de graduação, obrigado primo.

À Ducinéia Tan Huare, por ter me apoiado nos momentos em que mais precisei me orientando.

Ao cacique da minha aldeia, Lucimar Calomezoré, e ao chefe do Posto, Luiz Fernando Calomezoré.

A Neuzinho Uapodonepá por me ajudar nos momentos de dificuldade no uso da tecnologia.

A Leocílio Corezomaé por me ajudar nos momentos de dificuldade.

A professora doutora Mônica Cidele da Cruz, minha orientadora nesse trabalho de conclusão, obrigado professora por me ensinar e incentivar nesses cinco anos de graduação

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada, *Arte plumária umutina: Bodô*, foi realizada na aldeia *Umutina*, município de Barra do Bugres-MT. Bodô é um cocar feito de penas de arara que o povo tinha deixado de fazer há 60 anos. Por isso, o principal objetivo do trabalho é apresentar o valor do cocar para o povo e o seu uso na cultura *umutina*, descrevendo o processo de confecção, inclusive o preparo das penas usadas para seu acabamento. A pesquisa foi desenvolvida com o auxílio da *internet*, livros de arte plumária, entrevistas com os jovens e anciãos, vídeos antigos, desenhos do cocar, fotos e pesquisa de campo. A coleta iniciou-se em 2005, com a confecção dos primeiros cocares imitando o original, apenas olhando imagens. Três anos mais tarde, em 2008, tive a oportunidade de ver o original numa viagem ao Rio de Janeiro. Lá, visitei o Museu do Índio para ver as peças que pertenciam ao povo *Balatiponé (Umutina)*. A partir dessa experiência inesquecível, comecei a fazer o bodô original com resina de árvores, cera de abelhas e penas de aves diversas. Hoje em dia a comunidade é beneficiada com mais esse conhecimento que foi resgatado. Alguns jovens interessados, com meu auxílio estão aprendendo a prática do trançado, para repassar a outras gerações. Portanto, é todo esse processo que aprendi que registro neste trabalho.

Palavras-chave: *Umutina*. Arte plumária. *Bodô*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Terra Umutina	15
Figura 2 –	<i>Bodô</i> (Cocar) Umutina	18
Figura 3 –	Matérias primas para confeccionar o <i>Bodô</i>	19
Figura 4 –	<i>Bodô</i> finalizado	19
Figura 5 –	Selecionando as penas	20
Figura 6 –	Organizando as penas em curva	20
Figura 7 –	Medindo as penas	21
Figura 8 –	Encerando o cordel-base	21
Figura 9 –	Início da trança	22
Figura 10 –	Acabamento	22
Figura 11 –	Detalhe do acabamento	23
Figura 12 –	Indígenas Umutina utilizando o <i>Bodô</i>	23
Figura 13 –	<i>Bodô</i> finalizado	24
Figura 14 –	Fotos antigas de indígenas Umutina utilizando o <i>Bodô</i>	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – SITUAÇÃO HISTÓRICA DO POVO <i>UMUTINA</i>	11
1.1 Traços culturais marcantes do povo <i>Umutina</i>	11
1.2 Situação linguística do povo <i>Umutina</i>	13
1.3 População e localização.....	14
CAPÍTULO II – CULTURA MATERIAL E IMATERIAL.....	16
2.1 Arte plumária <i>umutina</i>	17
2.2 <i>Bodô</i>	17
2.3 A confecção do <i>Bodô</i>	20
2.4 Os usos do <i>bodô</i>	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28
CONSULTORES NATIVOS.....	28
ANEXOS	29
ANEXO A – CARTA DO AUTOR	30

INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa deste trabalho é o *bodô*, cocar tradicional do nosso povo *Balatiponé*, conhecido como *Umutina*. O trabalho tem como finalidade descrever e registrar a confecção e o uso deste artefato da cultura material do meu povo. Além dessa finalidade, buscamos facilitar a compreensão dos mais jovens sobre a temática, aprender em quais ocasiões usar, e incentivar os jovens a aprender a confeccionar o cocar para repassar as futuras gerações.

A ideia da pesquisa surgiu devido a minha preocupação com os jovens e crianças que não sabem o significado do cocar horizontal masculino e, também, porque a maioria do povo *Balatiponé* não sabe qual é o cocar original. Observei que pouquíssimos jovens sabem trançar o *bodô* e tampouco conhece a matéria-prima utilizada para confeccioná-lo.

O cocar é uma arte material que está presente na cultura umutina, desde muito tempo, mas, a partir do contato com os não índios e com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), os *Umutina* foram proibidos de praticarem sua cultura e, com isso, o cocar original do povo (*bodô*) foi deixado de ser confeccionado durante esse período.

No processo de revitalização da cultura umutina, fui um dos jovens interessado na busca pela valorização desse patrimônio.

Tudo começou no ano 2002, com a minha irmã Clícia conversando comigo sobre a cultura *umutina*. Na época, ela fazia o curso para professores indígenas no Terceiro Grau Indígena, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na cidade de Barra do Bugres- MT. Ela me disse que na faculdade indígena aprendiam sobre educação diferenciada e que a cultura só sobreviveria no futuro se os mais jovens e as crianças soubessem da cultura original do povo, para depois fortalecer e repassar às futuras gerações que viriam. Eu imaginava na minha cabeça que tudo isso era um sonho quase que impossível de se realizar, pois a cultura umutina tinha deixado de ser praticada na década de 1940 e, só no ano 2000, começou o trabalho de resgate, portanto, 60 anos de cultura estática.

Havia muitos itens da cultura a serem resgatados, começando pela dança, cantos, adornos, pinturas corporais, arte plumária, flautas sagradas, mitos e a língua. Ela perguntou para mim: 'Por que você não entra no grupo Nação Nativa'? Então, foi a partir daí, que tudo começou, e este trabalho é o fruto desse processo de revitalização que começou há alguns anos.

Ele foi realizado na aldeia central *umutina* e teve início em 2005. Para produção desse trabalho, consultei os anciões, fotografei e descrevi a confecção do cocar. Coletei na natureza

as matérias-primas necessárias para produção do cocar e também fiz pesquisa nos livros de Schultz (1962), Schmidt (1941). Além disso, fui ao museu do índio no Rio de Janeiro, pesquisar e certificar como era o cocar original, no ano 2008.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz informações sobre o povo *Umutina*: história, língua, cultura e situação linguística. O segundo capítulo trata da cultura material e imaterial, arte plumária de modo geral e arte plumária *umutina*. O terceiro capítulo faz a descrição do *bodô*, da matéria-prima utilizada, a confecção e o uso. E, por fim, as considerações finais.

Espero que a partir deste meu trabalho as pessoas possam conhecer mais sobre a arte plumária *umutina* e que o material aqui produzido possa servir para o conhecimento dos alunos, professores e comunidade em geral. E, sobretudo, para o fortalecimento da nossa cultura.

CAPÍTULO 1 – SITUAÇÃO HISTÓRICA DO POVO *UMUTINA*

O primeiro contato com o povo *Umutina* se deu em 1912, com o Marechal Rondon trazendo a linha telegráfica da estação *Paresí* para Barra do Bugres- MT. Na época, Rondon mandou construir o posto Fraternidade Indígena, dando início ao processo de pacificação. Isso teve consequência desastrosa para os índios, pois, vieram doenças desconhecidas trazidas por eles, tais como: coqueluche, sarampo, pneumonia, o que vitimou 1/3 da população local, conforme o relatório do SPI de 1920, Schultz (1962, p.85).

De acordo com Lima (2005, p.17) “os órfãos, jovens, solteiros e velhos enfermos, em grande maioria, foram levados pelos funcionários do SPI para o posto Fraternidade, a fim de serem *civilizados*”.

Lá os índios passaram a obedecer às ordens do chefe do posto Otaviano Calmon e, sob ordens, ameaça e castigos, eram proibidos de falar a língua materna e de realizarem suas festas tradicionais, perdendo, assim, seus conhecimentos culturais. Que ainda entre a década de 30 até meados da década de 40 era praticado pelos *Umutina* da mata, ou seja, “os 23 *Umutinas* legítimos”.

Já em 1945, eram apenas 23 *Umutina* legítimos ainda vivos. Na década de 1930, chegaram os *Paresi* e *Nambikwara*, trazidos por determinação do coronel Rondon, para juntar com os *Umutina*, mais tarde vieram outras etnias como *Kayabi*, *Terena*, *Manoki*, *Bororo* e *Bakairi*, resultado de casamentos interétnicos.

Os *Umutina* eram conhecidos pelos civilizados por ‘Barbados’, por usarem longas barbas e cabelos compridos, as mulheres deixavam os cabelos crescerem e depois eram cortados para fazer colar de cabelo usado para determinados rituais.

A agricultura tradicional do povo baseava-se no plantio de milho, feijão-fava, abóbora, mandioca, cará e pimenta do mato. O milho servia para ser consumido de várias formas, constituindo-se no principal alimento.

1.1 Traços culturais marcantes do povo *Umutina*

Os aspectos marcantes do povo *Umutina* são: os cantos, as danças, as pinturas corporais e faciais, os adornos, a organização social, o artesanato, comidas típicas e a língua materna.

Os cantos que sabemos hoje em dia foram ensinados por Julá Paré, no ano 2000, época em que existia o grupo “Nação Nativa”, do qual fiz parte. O grupo era liderado por

Valdomiro Calomezoré que trabalhava em prol da revitalização cultural do povo. Os cantos que mais se destacam são: *Katamã* (martim-pescador), *Jekirinô*, (as andorinhas) e canto do guerreiro (rito de passagem menino-homem).

Segundo o jovem Jovail Amajunepá (2016), as danças do povo *Umutina* eram 17 no total, hoje só dançamos oito, dentre as quais são:

1. *Mixinosê* (esteira velha).
2. *Yuri* (subcerimonial).
3. *Lorunó* (dança com máscara de cabelo).
4. *Katamã* (martim-pescador).
5. *Jekirinô* (as andorinhas).
6. *Pikurina* (dança de encorajamento).
7. *Boyká* (dança com arco e flecha).
8. *Kurioká* (dança com flautas *zarinimbukwá*).

Antigamente essas danças eram praticadas nos rituais em homenagens aos mortos chamado no dialeto Umutina, de *Adoê*. Hoje em dia são praticadas na colheita do milho verde, no dia do índio, em apresentações e quando vem visitantes fazer intercambio na nossa aldeia.

As pinturas corporais do povo têm vários significados, se é de casamento o homem pinta o corpo de urucum e a mulher pinta a pintura de *ebakí* (cobra), se é para a caça, se pintam com a pintura do tamanduá bandeira, usando jenipapo, se é para a guerra, pinta o rosto todo de preto. As meninas solteiras pintam com símbolos de peixes pintado ou cachara.

Os adornos fazem parte da cultura umutina, dentre os quais se destacam: brincos de penas, colares de dentes, braceletes, pulseiras, chocalhos de unhas de animais, saia de algodão e cocares.

As comidas típicas mais consumidas pelo povo *Umutina* é o peixe assado, batata-doce, mandioca, cará, o beiju, a xixa, carne de caça e o pirão de peixe.

A língua *umutina* pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, da família Bororo. Hoje se encontra em fase de revitalização por parte dos professores, crianças, jovens e adultos, tendo como pontapé inicial a grade curricular obrigatória na escola para ofertar a disciplina de língua materna *umutina*.

O artesanato do povo vem sendo aperfeiçoado cada vez mais, pois há 20 anos não tinha furadeira para furar as sementes, as mulheres usavam um arame amolado, amarrado num pedaço de pau goiabeira, era muito trabalhoso, segundo a minha mãe Dirce Parecis Huare.

Hoje em dia, existem livros, revistas e cursos, que ensinam a fazer vários tipos de artesanato. Tem maquinário para facilitar cortar madeira. As mulheres fazem vários tipos de artesanato, tais como: cestaria, peneira, colares de sementes, anéis de coco, brincos de pena, pulseira.

Os homens fazem arco e flecha, pilão, canoa, cocares, bordunas, escultura de madeira. Alguns vendem seus artesanatos em Cuiabá, outros tem compradores particulares, e todos vendem quando vem algum visitante de fora.

A organização social do nosso povo é constituída de chefe do posto (coordenador da FUNAI), Luiz Fernando Calomezoré e cacique Lucimar Calomezoré, lideranças, profissionais de saúde, professores, associações e comunidade.

As casas são feitas de tábuas, alvenaria e palha. O povo se sustenta através de caça, pesca, agricultura, pecuária, artesanato. Também há pessoas que trabalham na saúde, na educação, aposentados e pensionistas.

Antigamente a cultura umutina era bastante rígida e regrada, pois não podia casar com parentes próximos como primos de primeiro grau, a dieta também fazia parte da cultura pois o homem não podia trabalhar enquanto o umbigo de seu filho caísse. Nesse tempo tinha só um chefe da aldeia que todos respeitavam. O trabalho era dividido homens cuidavam de trabalhos pesados: caçar, pescar, tirar madeira para casa, fazer derrubada da roça, roçar, fazer cocar, espadas e arco e flecha. As mulheres cuidavam de serviços domésticos cozinhar, lavar panelas no córrego, cuidar dos filhos, fazer colares de sementes, bater a saia e trançar fios.

Hoje na atualidade quase que não temos mais regras, pois com a tecnologia avançada permite que os jovens aprendam com facilidade as coisas boas e más do mundo lá fora. Temos em nossa aldeia internet, celulares televisão, geladeira, carro, moto, casa de alvenaria, ou seja, tudo o que tem na cidade. O que temos de cultura é só o que resgatamos. Mas buscamos recuperar alguns hábitos do passado através da tecnologia, nós seguimos o padrão da sociedade, pois o casamento de nosso povo é igual ao da cidade é só ajuntar como se diz aqui. Vamos de moto ou carro para a cidade, quando queremos assistir algum filme é só ligar o DVD. Mulheres e homens fazem artesanato para a venda isso serve também como renda para as famílias que são mais necessitadas.

1.2 Situação linguística do povo *Umutina*

Hoje o léxico da língua materna encontra-se em fase de revitalização, pois é o último aspecto cultural mais difícil de ser recuperado, mas tem professores formados em línguas na

Unemat, que já estão dando a iniciativa. Os professores da rede estadual ministram a disciplina de língua materna para os adolescentes e jovens do ensino fundamental e médio. Os que são do município para as crianças do primeiro ao quarto ano.

Para ministrar a disciplina, os professores elaboram frases na língua umutina, trabalham com o léxico, utilizando nomes de pássaros, aves, animais, madeiras, utensílios, objetos, insetos, saudação, nome de rios, lugares, parentescos.

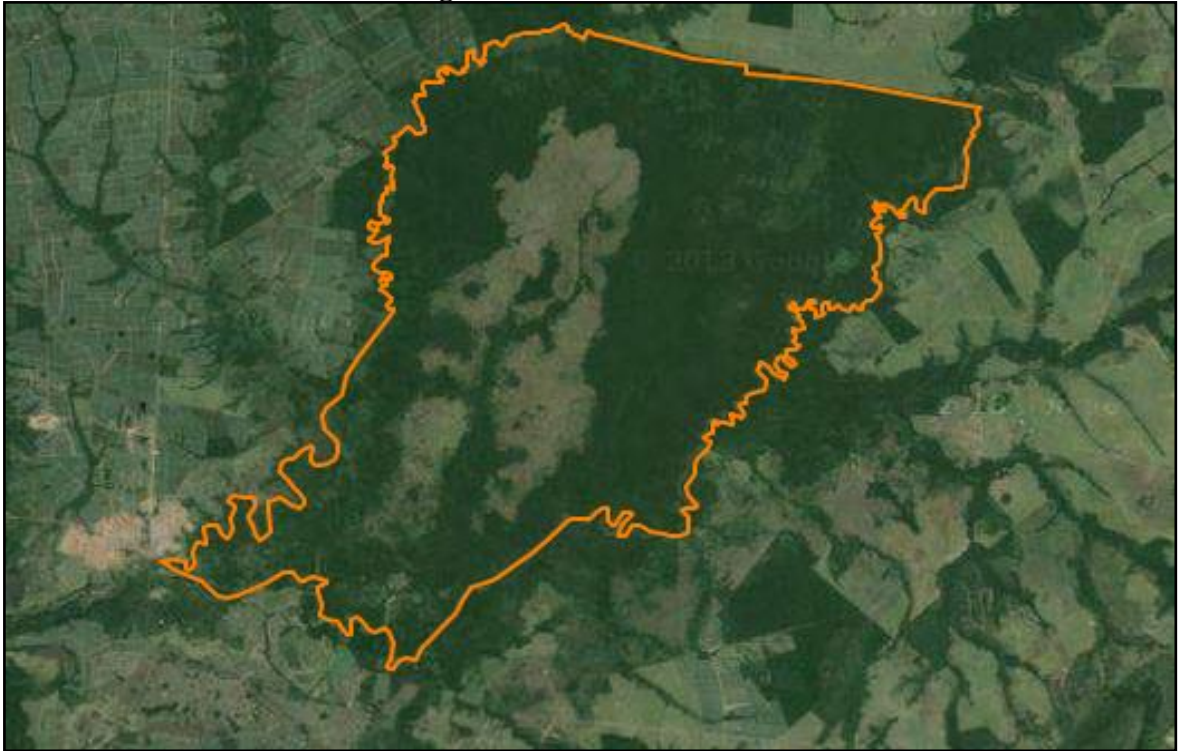
Na comunidade, ainda existem dois “lembrantes” da língua *umutina*, o senhor Joaquim Kupudonepá, e o senhor Antônio Uapodonepá, que conhecem parte do léxico da língua, o restante fica por conta do senhor Julá Paré (*in memorian*) que deixou um vídeo gravado no Museu do Índio-RJ, onde expõe o sotaque primitivo do povo antigo e palavras na língua. E também há professores fizeram pesquisa com ele no início do terceiro grau indígena e tem anotado palavras no caderno.

Escolhi fazer o curso Licenciatura Intercultural Indígena, com habilitação na área de Línguas, Artes e Literaturas, para me ajudar a compreender melhor a língua materna, para ajudar meu povo de alguma forma a revitalizar aos poucos, parte da língua, mesmo que seja o léxico pois, assim, nós seremos mais fortes espiritualmente e completos culturalmente, a língua é um espírito bom que nos ajuda a entrarmos em contato com *Haipuku*, nosso Deus.

1.3 População e localização

A aldeia *Umutina* está localizada a 15 km de Barra do Bugres, entre os rios Bugres e Paraguai no médio norte do estado de Mato Grosso (figura 1). Os *Balatiponé* vivem numa área de 28.120 hectares homologadas em 22 de abril de 1960, a 160km de Cuiabá, capital do estado.

Os *Umutina* estão divididos em duas aldeias maiores: *Umutina* central e *Bakalana*, situadas no mesmo território, e pequenas aldeias como: *Massepó Pari*, Águas correntes, *Adonai*, Cachoeirinha, *Uapo*, *Amajunepá*, *Torikana Pikurina* (Cacique guerreiro) e *Oré Alaporé* (em fase de construção). Cada aldeia possui um cacique, e elas surgiram por causa do aumento da população da aldeia central, como forma de proteção do território e para o desenvolvimento da etnia, buscando trabalhar o solo.

Figura 1 – Terra Umutina

Fonte: <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3889>

De acordo com o censo de 2015, a população *Umutina* aumentou de 507 para 520 pessoas em relação ao ano anterior. Hoje, em 2016, somos em 530 pessoas entre crianças, adolescentes, adultos e anciãos. A comunidade umutina é composta de várias etnias como: *Umutina, Paresí, Bakairi, Terena, Kaiabi, Manoki, Nambikwara, Bororo e Chiquitano*. É uma aldeia multiétnica em que há casamentos entre etnias diferentes.

CAPÍTULO 2 – CULTURA MATERIAL E IMATERIAL

A diversidade cultural engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como a linguagem, danças, vestimenta, tradições e heranças físicas e biológicas, bem como, a forma de moral e de religião, a forma como interagem com o ambiente, etc. A cultura material pode ser entendida como conjuntos de artefatos criados pelo homem, suas matérias-primas e tecnologia, tendo caráter móvel. Essa cultura não são só objetos isolados, mas abrange quase todas as produções humanas, os estudiosos consideram como subcampos de estudos da cultura material: a história da tecnologia, os estudos do folclore, a antropologia cultural, a arqueologia histórica, a geografia cultural e a história da arte. Exemplos de cultura material do meu povo: pinturas corporais, os adornos, a arte plumária e utensílios.

A cultura imaterial pode ser definida como conhecimento transmitido na prática, na forma oral ou por meio de gestos passados de geração para geração.

A transmissão dos conhecimentos imateriais são fatores essenciais para a continuidade da cultura, e para a construção da identidade de um grupo, povo ou nação. São exemplos de cultura imaterial do povo indígena: os cantos sagrados, as danças, os mitos, as histórias contadas pelos anciãos. E assim a cultura material e imaterial formam juntos o patrimônio cultural.¹

É importante ressaltar que a arte plumária dos índios brasileiros é uma das mais expressivas manifestações artísticas que se conhece, não só pela criatividade de arranjos, como também pela variedade e riqueza das cores e plumas.

A definição usual da arte plumária diz respeito aos objetos confeccionados com penas e plumas de aves, associados a outros materiais, e em sua maioria usados como ornamento corpóreo, seja de uso cotidiano seja em funções solenes e ritualizadas.

A definição também inclui a fixação de penas diretamente sobre o corpo humano, em geral com os mesmos objetivos e significados, e a confecção de objetos emplumados para outros usos além do adorno do corpo. Até pouco tempo atrás, esta fascinante forma de expressão não era considerada mais do que um artesanato exótico, mais hoje a produção plumária dos índios brasileiros é reconhecida como uma verdadeira linguagem visual, um reflexo requintado de culturas ricas e complexas, transmissora de mensagens específicas, merecedora de estatuto de arte e digna de sério estudo.

¹ Fonte Iphan

Segundo Cury e Dorta (2000), tradicionalmente a confecção de objetos plumários é uma tarefa dos homens adultos, e suas técnicas são aprendidas depois dos ritos de iniciação. A manufatura envolve várias atividades preliminares: a caça de aves ou a retirada das penas de aves cativas, seleção e classificação, preparo de material e coleta de materiais acessórios. Grande parte da arte plumária participa da natureza da tecelagem, pois a fixação das penas é feita através de amarração e trançamento de fibras. Outras formas fixam as penas diretamente ao corpo através de resinas e colas, como fazem os *Kayapó* e *Yanomami*, que usam a plumagem fina e branca dos urubu-rei colada diretamente no cabelo. Para os *Kayapó*, a plumária é usada principalmente nos grandes rituais coletivos, como na nominação e iniciação masculina, no casamento e na paramentação do morto (Silva, Grupione, p.396). Os *Tukano* praticam o ritual secreto relacionado ao Jurupari, cujo principal objetivo é invocar a serpente gigante “Anaconda”, de cujo ventre a humanidade teria nascido. Todos os objetos usados no ritual se unem, através da magia do xamã, para formar o corpo da criatura sagrada, entre eles uma flauta emplumada com penas de arara e mutum, que se considera representar jarretes da serpente (DORTA, CURY, p.174-330, 380- 396).

Fazendo parte desta cultura material e imaterial, temos a nossa arte plumária *umutina* que irei apresentar a seguir.

2.1 Arte plumária *umutina*

A plumária *umutina* é muito rica em diversidades de ornamentos: as mulheres usam os brincos de penas grandes (*mintotanobú*), e bracelete (*xúare*), de várias cores. Já os homens usam cocares (*bodô*) que é um cocar horizontal, e (*akikano*) que é um cocar transversal, usado em algumas danças do povo. Também há três tipos de brincos, um é feito de penugem de arara, outro é feito de penas soltas, e o terceiro é feito do formato de uma folha com penugens maiores de arara.

Em determinadas danças e no timbó, o cantor usa em cima da cabeça, no coque um enfeite feito com penugem de tuiuiú, ou de gavião-real, chamado na língua de (*pseambú*). Também é usado no enfeite de máscaras o (*iból*), feito com penas de arara, mutum- carijó e penugem de gavião-real.

Neste trabalho, tratarei apenas do *bodô*, um importante cocar da nossa cultura.

2.2 *Bodô*

O cocar horizontal na língua umutina pode ser chamado de *bolô* ou *bodô*, porque no passado havia muitos clãs e a língua variava de aldeia para aldeia. Os antepassados (*boloriê*) usavam o cocar nas festas sagradas, especialmente, nos rituais denominados (*adoê*) em homenagem aos mortos. No passado, o *bodô* era feito com penas de arara criada, que consistia em arrancar as penas das araras ainda vivas, para nascer penas de cores amarelo-avermelhada, esse processo na língua portuguesa chama-se tapiragem. Por isso era considerado sagrado ao povo, só as pessoas especiais e de nome podiam usar. Atualmente não se tapira mais as penas e não tem criação de arara, esse conhecimento foi perdido a muito tempo. Hoje em dia é feito com penas de aves diversas como, por exemplo, de papagaio, mas, a maneira de trançar é original. Pode ser usado por adultos crianças e anciãos uso exclusivo do sexo masculino nas danças.

Figura 2 – Bodô (Cocar) Umutina



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, Tirada no museu do índio, RJ-2008.

Para confeccionar o *bodô*, usamos as seguintes matérias-primas: penas de papagaio ou arara, corda-base de tucum trançado, seda de tucum, cera de abelha, e um pauzinho para medir as penas.

Figura 3 – Matérias primas para confeccionar o *Bodô*



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

Figura 4 – *Bodô* finalizado



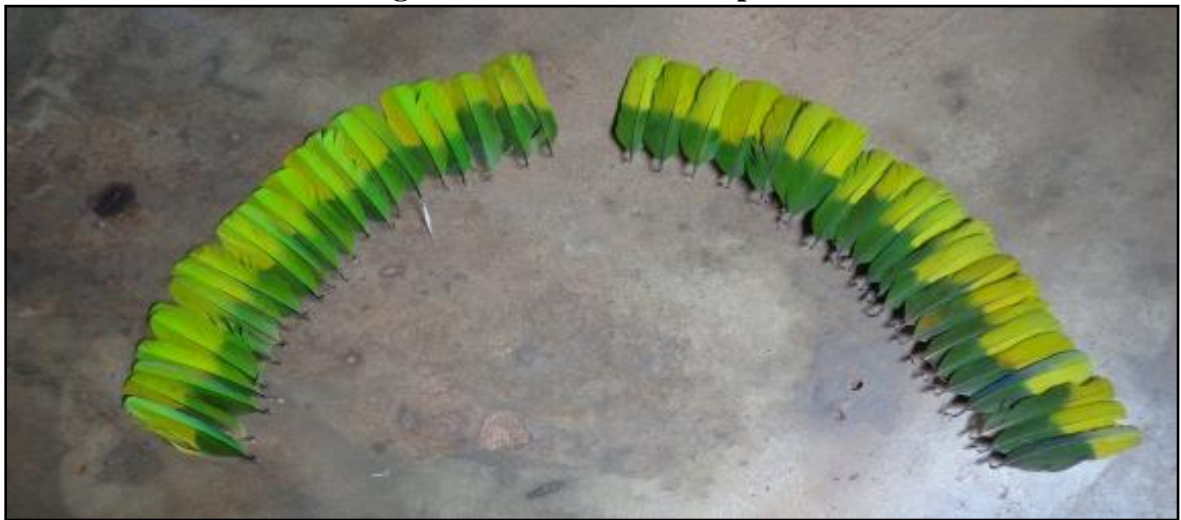
Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

2.3 A confecção do *Bodô*

A confecção do *bodô* é feita apenas por homens (mestres) na técnica de trançar, pois, um erro pode deixá-lo desigual e desproporcional quando for usar. Agora vou explicar como se faz:

1º passo: Escolher as penas do papagaio, separando as boas das roídas.

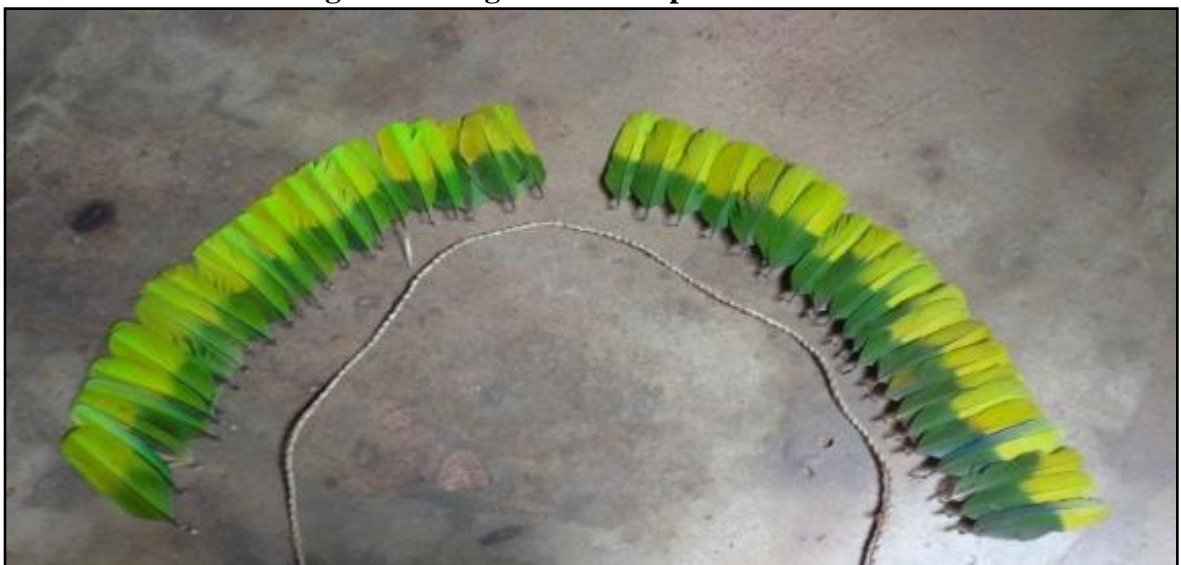
Figura 5 – Selecionando as penas



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

2º passo: Selecionar as penas que fazem curva para a direita, separando as que são da esquerda, uso 25 penas para a direita e 25 para a esquerda, totalizando assim 50 penas.

Figura 6 – Organizando as penas em curva



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

3º passo: Começo a rasgar as penas numa medida igual, para isso, uso o pauzinho que servirá de medida para todas as penas.

Figura 7 – Medindo as penas



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

4º passo: Já com o cordel-base trançado de tucum, medimos o meio do cocar, depois, colocamos a cera de abelha no fogo para derreter e, em seguida, encera-se o fio do tucum. É preciso encerar seis fios.

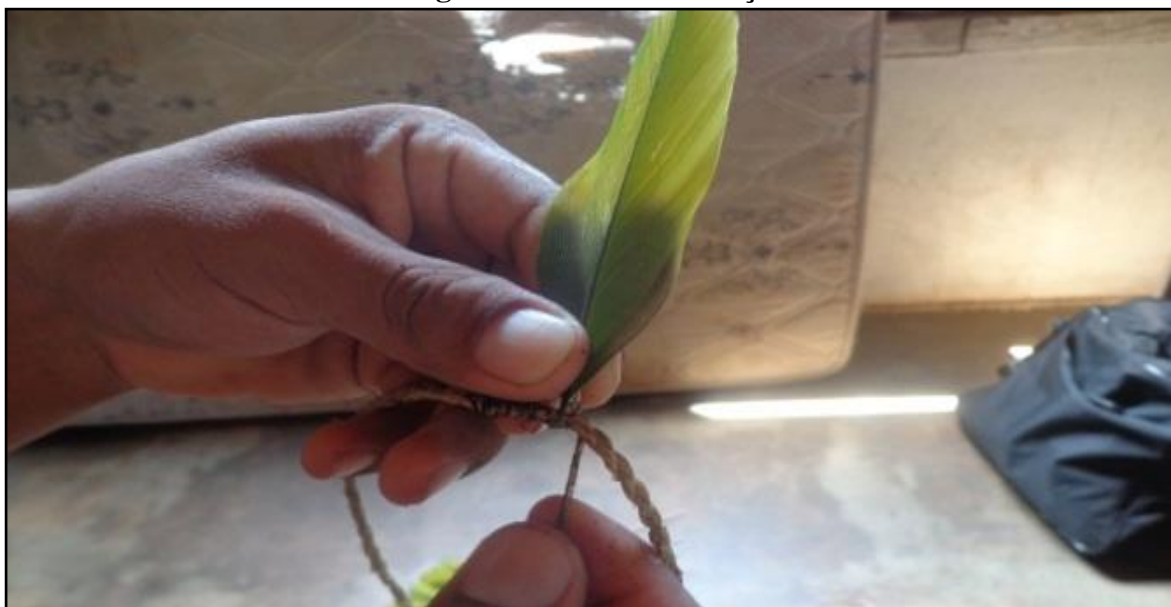
Figura 8 – Encerando o cordel-base



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare

5° passo: Começo a trançar as penas uma por uma, dando espaço para que uma fique separada da outra, espaço de 1cm, e assim vou trançando até a última pena.

Figura 9 – Início da trança



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

6° passo: Para finalizar, trançamos um fiozinho no meio das penas, para que fiquem todas juntas e abertas na cabeça quando for usar. Trançamos uma a uma, somente depois disso, está pronto para o uso. A duração para fazer o cocar é de um dia.

Figura 10 – Acabamento



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

Figura 11 – Detalhe do acabamento



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

2.4 Os usos do *bodô*

Figura 12 – Indígenas Umutina utilizando o *Bodô*



Fonte: Edivando Amajunepá

Figura 13 – *Bodô* finalizado



Fonte: Cleomar Myahu Tan Huare, 2016

O *bodô* pode ser usado por pessoas do sexo masculino, as fotos antigas comprovam essa afirmação.

Figura 14 – Fotos antigas de indígenas Umutina utilizando o *Bodô*



Fonte: img.socioambiental.org



Fonte: condiscuiaba.blogspot.com

Segundo Schultz (1962), o cocar era usado em ocasiões especiais, seja para receber visitas, ou usado pelo pajé no tratamento de enfermos, em determinadas danças do culto aos mortos, usado pelo mestre do timbó (*kutititá*), que entoava cânticos para que o veneno matasse os peixes. Era usado também em pescarias de arco e flecha.

O pajé usava o cocar sempre que uma pessoa adoecia, cantava cantos sagrados que chamavam o espírito do enfermo de volta, com o auxílio de um chocalho de cabaça, conhecido como *bápo*. Parava um pouco e depois continuava novamente, também, levava ervas medicinais, raízes, para que o enfermo tomasse o chá até se sentir melhor, chegando à cura.

Para o povo *Umutina*, o *bodô* significa o sol (*mini*) e seus raios que o enfeitam, assim, como o cocar enfeita nossa cabeça. Também simboliza a organização social da aldeia, ensinando que devemos ser unidos, igual as penas são unidas umas às outras.

Para guardar o *bodô*, usamos a *ixilaká* (esteirinha), para que a umidade não venha a estragá-lo e nem os insetos possam roer, garantindo maior durabilidade e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho servirá para o nosso povo ampliar o conhecimento referente à arte plumária Umutina, em especial, sobre o *bodô*, de acordo com a nossa realidade, trazendo a história do cocar original dos nossos antepassados até aos que fazemos nos dias atuais.

Este trabalho servirá para mostrar, na prática, o processo da confecção do *bodô* através dos mais jovens. Regramos e mostramos a maneira de como deve ser feito, e repassamos para a comunidade um desejo forte de usá-lo respeitando o quanto ele é sagrado, e a conservação de suas técnicas. Também buscamos trabalhar com os alunos de nossa escola durante a semana cultural, pois, nas entrevistas, percebemos a cobrança dos pais, para ensinarmos mais a arte plumária na escola, trabalhando mais esse tema, levando quem sabe fazer essa arte para ensinar as técnicas aos alunos na sala de aula.

O *bodô* é diferenciado de outros povos indígenas por ser trançado com cera de abelhas silvestres (papa-mel), ou resina de árvore (almecega), e também por ser tapirada, hoje em dia cada vez mais raro entre as artes plumárias dos povos indígenas, tendo seus exemplares apenas nos museus paulista e museu do índio no Rio de Janeiro. Tem seu acabamento rente a orelha do dançarino, não tendo um semelhante a outras etnias do Brasil e do mundo. Por isso é uma identidade do nosso povo.

Hoje em dia, estamos pesquisando ao máximo nossos dois anciãos ainda vivos que são lembrantes da língua materna, pois sem eles estaríamos sem referência.

Ao contrário de muitos povos, dos quais os anciãos reclamam pelo fato de os jovens não quererem mais saber de sua cultura original, os anciãos de minha aldeia têm orgulho dos jovens e crianças que seguem a cultura.

Nesse sentido, o trabalho daqui para frente é preservar o que resgatamos e repassar para nossos filhos e netos, para que, no futuro, a cultura seja forte como ela é nos dias de hoje.

Atualmente estamos caminhando para o último passo do resgate, que é a revitalização da língua materna. E isso já vem acontecendo na escola, com os professores ensinando o léxico da língua.

Aqui na aldeia, buscamos registrar através de imagens, vídeos, gravações em áudio e também através da escrita nossa cultura material e imaterial e, para isso, contamos com a ajuda da tecnologia que temos hoje.

Aprendi muito nesses cinco anos de faculdade e estou de bem com a comunidade, em especial, com os anciãos, pois a minha pesquisa está ajudando muito na revitalização da cultura. Os anciãos ficaram contentes por trazer o cocar *bodô* de volta para o povo.

Por intermédio da Unemat de Barra do Bugres, dando o pontapé inicial, em 2001 com a primeira turma, os professores Umutina passaram a pesquisar e incentivar os mais jovens na revitalização da cultura do nosso povo.

Hoje, na terceira turma de 2011, vejo muitos avanços que tivemos nesses 16 anos de trabalho. Por isso, sou grato a *Haypuku*, nosso Deus *umutina*, por nos dar de volta a força do povo guerreiro que tínhamos antes e lutarmos ainda mais no futuro para não perdermos de novo a nossa cultura que é muito bonita e sagrada.

REFERÊNCIAS

ARTE PLUMÁRIA NO BRASIL, Brasília, Fundação pró-memória, 1980 (Catálogo de exposição).

DORTA, Sônia & Cury, MARÍLIA XAVIER. **A Plumária indígena Brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. EDUSP,2000.

SCHMIDT, Max. **Los Barbados o Umutinas em Mato Grosso**. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Asunción: 1941

SCHULTZ, Harold. **Informações etnográficas sobre os Umutina**. Revista do Museu Paulista. Nova Série; XIII, São Paulo: 1962.

TAN HUARE, Ducinéia, **LÉXICO UMUTINA-Repertório Linguístico de seus lembrantes**, Dissertação 2014. CAMPUS UNEMAT. Cáceres-MT

CONSULTORES NATIVOS

Joaquim Kupodonepá

Jovail Amajunepá

Julá Paré (*in memoriam*). (A pesquisa sobre o cocar foi realizada em 2002.)

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DO AUTOR

Meu nome é Cleomar Myahu Tan Huare da etnia umutina, nasci em Cuiabá-MT, na época em que morávamos na aldeia Pakuera, aldeia Bakairi do município de Paranatinga Mato Grosso. Atualmente moro na aldeia Umutina, eu e minha esposa Edilene Monzilar e meus quatro filhos, o nome dos meus avós paternos é Luiz Apakano já falecido e Laurinda Komaedâ de 103 anos ainda viva ambos da etnia Bakairi. Meus avós maternos Antônio Corezomaé e Izabel Alacomoné ambos já falecidos da etnia Paresí. Meus pais se chamam Clarindo Tan Huare e Dirce Parecis Huare. Estudei na escola Bakairi “José Pires Uluku”, até a segunda série do primário, daí mudamos para Barra do Bugres em 1997, para continuarmos estudando, pois na aldeia só tinha até a quarta série, nesse período ainda não havia o ensino fundamental em nenhuma aldeia. Meu pai matriculou eu e minhas irmãs na escola “Júlio Muller”, onde estudei da terceira série até o primeiro ano do ensino médio em 2003, na época morávamos na cidade, nesse tempo sofria muito preconceito pois era o único índio da sala, mas sabia me defender sempre. Mudamos para a aldeia Umutina em 2001, da aldeia para a cidade era um sacrifício ir todos os dias e voltar á tarde, pois a aldeia é 15 quilômetros de distância da Barra só em 2004 passou a ter o ensino médio na aldeia, já com os professores indígenas em sala de aula, aqui na escola concluí o 2º e o 3º ano do ensino médio, foi um privilégio muito grande formar nessa escola onde hoje sou professor substituto

Sempre quis fazer a faculdade indígena pois era meu sonho entrar no curso de linguagem, minha irmã me falou que lá ensinavam técnicas de linguagem que poderiam ser adotadas para o resgate da nossa língua materna. Fiquei muito contente, pois acreditei que tinha achado a grande solução para o resgate da língua Umutina, fiz o vestibular em 2010 e consegui passar para entrar na turma de 2011. Hoje em fase de formação aprendi muito com meus professores de linguagem e artes na faculdade, são pessoas sérias que buscam o bem dos povos indígenas de Mato Grosso, e capacitar professores de qualidade para atuar em suas comunidades sou grato a todos.

Depois de formar na graduação, penso em fazer mestrado e, posteriormente, o doutorado, esses são meus grandes sonhos que buscarei no futuro.